

DEBATE / Escritoras contemporâneas tentam preencher o espaço da falta de representatividade histórica dos autores de origem afro-brasileira

A lacuna da literatura negra

» ISABELLA DE ANDRADE
ESPECIAL PARA O CORREIO

Em 30 de março, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul divulgou as leituras obrigatórias para o seu vestibular de 2018 e, entre as novidades, está o livro da escritora Carolina Maria de Jesus. A inclusão da obra entre a lista que chega a milhares de jovens reacende algumas polêmicas que envolvem a obra da escritora. Considerada uma das primeiras e mais importantes autoras negras do Brasil por alguns, Carolina tem, mesmo com diversas obras publicadas, seus escritos contestados por parte de acadêmicos, que consideram que seu livro *Quarto de despejo – Diário de uma favelada* não poderia ser considerado literatura.

Ao lado de Machado de Assis, Clarice Lispector, José Saramago, Camões e alguns outros pesos-pesados das letras lusófonas, Carolina Maria de Jesus (1914-1977) integra também a lista de leituras exigida pelo vestibular de 2019 da *Unicamp*. O livro relata o dia a dia de uma mulher negra e favelada, que vivia a recolher e vender papéis recicláveis. Sua escrita é pessoal e não segue os padrões gramáticos que costumam ser aceitos pela academia.

“Ela abriu caminhos difíceis e não escreveu apenas um diário. É muito bom ler e é melhor ainda se ler nas histórias, encontrar esse espaço de reconhecimento”

Cristiane Sobral, escritora

Sua obra leva aos leitores uma realidade pouco registrada entre as páginas literárias, possibilitando que se abram novas reflexões a respeito das desigualdades sociais que nos cercam. A escritora caiu no ostracismo com o passar dos anos, mas é inegável que sua obra é um importante referencial para os estudos de literatura e cultura brasileira, representando a força de nossa criação afro-brasileira. Entre as autoras da nova geração que utilizam a literatura como meio de resistência, está a poeta brasileira Meimei Bastos e a escritora Cristiane Sobral. Para Sobral, a poesia existe para ressignificar a realidade, com suas potências sensoriais, para mudar a ordem. “A arte poética pode protestar, amar, seu poder é inesgotável”.

Negritude

Sobre ser uma escritora negra atualmente, a autora destaca que há muito trabalho a fazer no campo da invenção, considerando o racismo e a experiência negra em nosso país. “O ponto de vista da negritude na literatura convoca a todos os leitores do planeta. Isso me motiva. Temos muitas histórias para contar, cabeças para emponderar, corações para convocar, muitos interditos a romper”, afirma Sobral. Para ela, não é

Audalio Dantas/O Cruzeiro/EM



Carolina Maria de Jesus: autora e símbolo da literatura negra no Brasil

preciso que outros universos temáticos e diferentes perspectivas estejam presentes em nossa literatura.

“A literatura de Carolina de Jesus é conhecida e muito vendida em outros paí-

ses, mas ainda é questionada no Brasil. A quem interessa que ela não seja considerada escritora? A quem interessa que as obras da literatura afro-brasileira, que denunciam o racismo, não sejam consi-

deradas literatura?”. A autora destaca que a chamada literatura universal não inclui muitos grupos minoritários e a abertura do mercado é essencial. Esses autores vêm para contribuir com outros conceitos, criando personagens que protagonizam suas próprias histórias. “O leitor quer conhecer essa diversidade e esses outros pontos de vista. A literatura é um espaço de poder e não inclui ainda o ponto de vista dos ‘vencidos’ segundo a história oficial”.

Enquanto isso, Meimei Bastos, poeta atuante na jovem cena do Distrito Federal, conta que a obra de Carolina é uma grande referência para seus próprios escritos. Quando teve contato pela primeira vez com *Quarto de despejo*, a poeta soube que uma mulher negra e periférica pode também produzir literatura. “Ela abriu caminhos difíceis e não escreveu apenas um diário. É muito bom ler e é melhor ainda se ler nas histórias, encontrar esse espaço de reconhecimento”.

Sua obra desperta muita admiração em escritores da periferia ainda hoje e abriu caminhos para mulheres como eu, por exemplo”. Para Meimei, a obra da escritora foi reduzida por muitos anos e agora tem sido resgatada. “Ainda existe um racismo estrutural, esse é o principal ponto que fez sua obra não ter sido valorizada no passado”, afirma. É importante que milhões de brasileiros pretos e pardos encontrem espaço. A literatura negra e periférica faz parte de toda a literatura brasileira e possibilita que aqueles que, de fato, estão como protagonistas, contem suas histórias.